

ELEIÇÕES 2018 – Um novo Brasil?

Paulo Timm – Oct 30 - 2018

"Bolsonaro não tem pensamento liberal, não sei se até tem pensamento"

**Fernando Henrique Cardoso, ex Presidente 1995-2002 -
INFOMONEY.COM.BR**

"No combate a essa adulteração, a essa corrupção que infecciona e debilita o regime, não darei quartel" - Jânio Quadros, 1961 – durou sete meses no Governo...

"Foi para acabar com esta pouca vergonha que lutei tanto..".F.Collor 1989 – durou dois anos e meio no Governo...

"Vai haver uma limpeza como nunca houve antes nesse país. Vou varrer os vermelhos do Brasil. Ou vão embora ou vão pra cadeia". Bolsonaro 2018 – Vai durar quanto..?

Paulo Timm – 21 outubro 2018

"O Brasil reatou com seus reflexos autoritários. A eleição de B se inscreve nas contas mal acertadas com a ditadura militar".

Paulo Sérgio Pinheiro Le Temps, Suíça – oct 30

1.O processo eleitoral

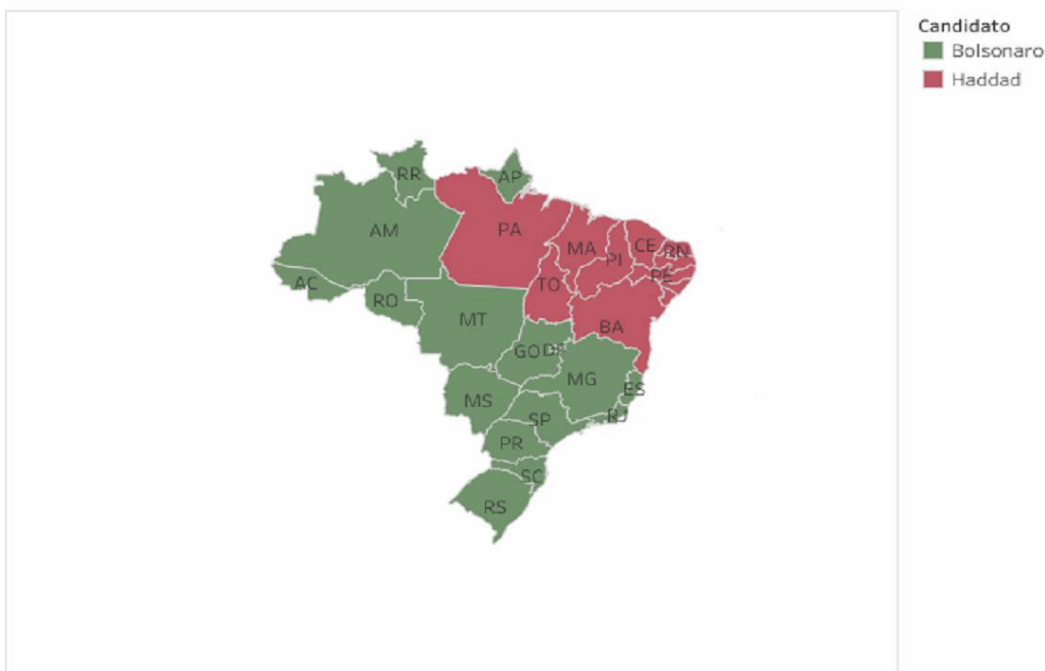
O processo eleitoral de 2018 correu satisfatoriamente no Brasil, sem qualquer incidente comprometedor de sua normalidade, apesar das manipulações dos fakenews, não restritas ao nosso país. Vamos ter que aprender a lidar com isso no futuro.

Quanto aos resultados, demonstram que o país é bastante dividido entre esquerda x direita. Nas eleições de 2002 até 2014, a maioria ficou com a esquerda. Desta vez, ficou com a direita, ou o que se parece com um e outro, mas com expressiva diferença entre um e outro, vez que expressivos de projetos distintos e alternativos para o país, como bem assinalou o deputado Raul Carrion:

O país, enfim, está dividido ideologicamente, o que não é propriamente ruim como muitos pensam. Ruim é a intolerância e, pior ainda, o recurso à violência na defesa das posições. Ainda chegaremos ao ponto em que estão Portugal e Chile, onde as diferenças, profundas, são partes da vida pública.

Desempenho dos candidatos por estado

Passa o mouse no mapa para ver os dados completos



<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2018/10/eleicoes-2018-jair-bolsonaro-vence-em-16-unidades-da-federacao-fernando-haddad-em-11/>

A primeira constatação sobre as eleições de 2018 é que ela marca uma mudança devastadora com o clima político geral vivido desde a redemocratização. Esta, aliás, teve seu início com o processo eleitoral de 1974, quando o Partido da Oposição, o MDB, elegeu, surpreendentemente, por voto direto, a grande maioria dos Senadores, forçando o regime ao recurso espúrio da criação de Senadores ditos biônicos, meramente indicados pelo Presidente da República, para contrabalançar a esta presença. A redemocratização avançou, em 1979 houve a Anistia e em 1982, três expressivos líderes democráticos, em plena transição, eleger-se-iam Governadores dos maiores Estados : Tancredo Neves, em Minas Gerais, Franco Montoro, em São Paulo e Leonel Brizola, no Rio de Janeiro. Em 1989, por fim, foi restabelecida a eleição direta para Presidente da República.

Agora, a surpresa foi a onda que elegeu, com 11 pontos percentuais de vantagem, a extrema direita, simpática ao regime militar, Jair Bolsonaro como Presidente da República, apoiado por 13 Governadores, entre os quais F.Zema, em Minas, João Dória em São Paulo e W.Witzel no Rio de Janeiro, além de outros que, por razões regionais preferiram a neutralidade. Verdade que os quase 58 milhões de votos dados a Bolsonaro expressam a vontade de apenas 1/3 dos eleitores, mercê do elevado número de “não votos” somados aos dados ao candidato Haddad, da esquerda, e ¼ da população brasileira. Mas isso não é muito diferente do que tem ocorrido nos últimos pleitos. Dilma Rouseff, por exemplo, foi eleita, em 2014, por 54 milhões de votos, o que suscita, cada vez mais a discussão sobre o possível fim do voto obrigatório no Brasil.



A segunda constatação sobre as eleições de 2018 é que, se ela foi uma onda que projetou a direita, ela tem mais o caráter anti-sistema, típico das eleições recentes na França e Itália, este com Movimento 5 Estrelas, do que anti-PT ou anti-esquerda, de inspiração fascista. Não significa isso que os fascistas não estejam festejando o fenômeno Bolsonaro, mas, até agora, não há um envolvimento fascista da opinião pública brasileira. Quem melhor avalia esta sutileza é Aldo Fornaziere, Cientista Político:

151

Onda mudancista abala sistema político

ALDOFORNAZIERI

SEG, 29/10/2018 - ATUALIZADO EM 29/10/2018 - 08:21

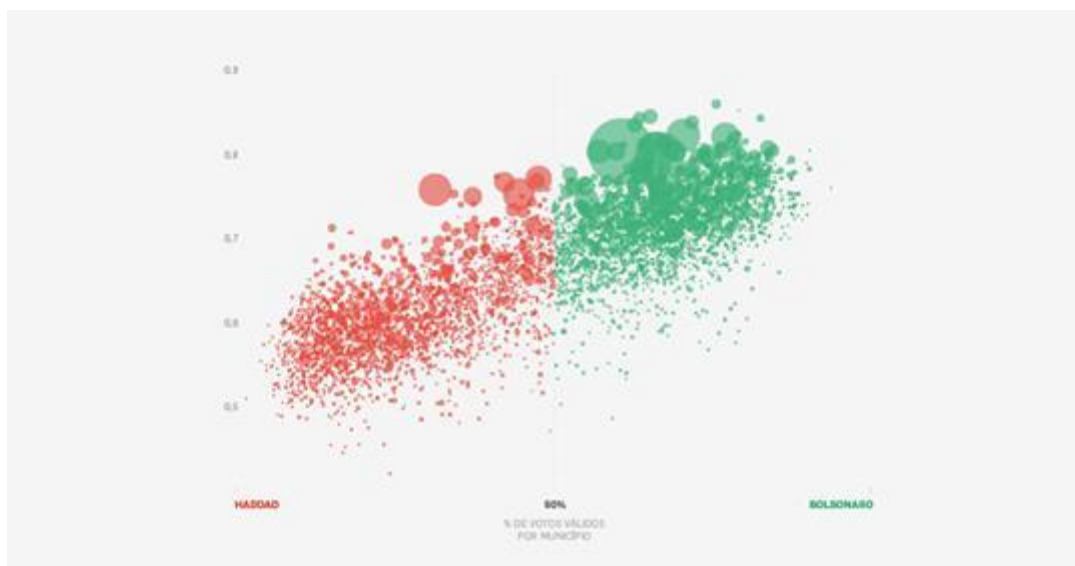
A principal característica das eleições de 2018 foi a onda mudancista de natureza antissistêmica ou contrária ao sistema político-partidário vigente estabelecido no início da década de 1990. Na maior parte do tempo, esse sistema arruinado pelas eleições tinha a marca da polarização PT-PSDB. Essa marca se desfez no plano nacional mas, ao menos nesse nível, o PT permaneceu nela como antagonista do pólo de extrema-direita. A onda mudancista levou o Brasil para a direita, não porque a maioria dos eleitores são de direita, mas porque os candidatos de direita representavam melhor a ideia de uma oposição antissistêmica, a ideia de uma varredura dos partidos e dos

políticos tradicionais. Mas, sem dúvida, desde 2013 vem se constituindo uma extrema-direita política, que se fortaleceu no golpe e, agora, chega ao poder.

<https://jornalggn.com.br/noticia/onda-mudancista-abala-sistema-politico-por-aldo-fornazieri?fbclid=IwAR1AD6NEVPgngEVW2KuoH4ifcNAIBX-iLtmbcTXFAmdgWAnz1e3LdoAmQ00#.W9buhhCEC6A.facebook>

Corroborando esta percepção de que o efeito anti-sistema foi maior do que o efeito-ideológico, está a verificação de que o eleitor típico de Bolsonaro, extensivo aos seus apoiadores nos Estados, tem maior nível de escolaridade e renda, sendo, portanto mais bem informado e articulado às modernas redes sociais. A consequência disso é que se repetiu, neste ano, o mesmo perfil das eleições de 2014: Nordeste e parte do Norte, mais pobres, votaram em Haddad e seus apoiadores locais, candidatos a Governador não só do PT e PCdoB, como de outros Partidos, como o próprio MDB, em Alagoas e Pará, PSB em Pernambuco e Paraíba e PSD no Sergipe - <http://www.jornalgrandebahia.com.br/2018/10/eleicoes-2018-jair-bolsonaro-vence-em-16-unidades-da-federacao-fernando-haddad-em-11/> Projetando esta tendência vê-se também que Bolsonaro ganhou na grande maioria das cidades mais ricas, enquanto Haddad nas mais pobres:

Haddad vence em 98% das cidades mais pobres e na maioria das cidades brasileiras; Bolsonaro em 97% mais ricas



https://www.estadao.com.br/infograficos/politica,bolsonaro-vence-em-97-das-cidades-mais-ricas-e-haddad-em-98-das-pobres,935854?utm_source=facebook%3Anewsfeed&utm_medium=social-organic&utm_campaign=redes-sociais%3A102018%3Ae&utm_content=%3A%3A%3A&utm_term&fbclid=IwAR10-2KjzhZjC2BXoXSS0ImqpnmxNokbn2YBEmOZGvkebkVO2J0IVjJbI

Ver El País -

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/actualidad/1540379382_123933.html?id_ext

O que estariam estes fatos a sugerir, a partir de que o resultado das eleições foi uma guinada à direita, mas que tal guinada foi mais o resultado de um processo mais ou menos universal de rechaço às instituições políticas do establishment, que, se abalou a esquerda, atingiu mortalmente, também, o PSDB, até aqui visto como antagônico ao PT, como também o velho PMDB,

Uma hipótese seria a de que os discursos, tanto da esquerda hegemônica pelo PT, como da direita “civilizada”, hegemônica pelo PSDB não estão sintonizados com as expectativas da grande maioria dos eleitores brasileiros, levando-os, seja ao “não voto”, seja ao voto naqueles que se apresentaram como novidades no sistema político. Veja-se que a renovação na Câmara dos Deputados deverá ser uma das mais elevadas da História, com grande parte de parlamentares em seu primeiro mandato. Detenho-me, aqui, particularmente, no discurso da esquerda de repercussão menor no sul-sudeste-centro oeste, mais ricos, embora com penetração nos segmentos mais pobres, com salário até 1 salário mínimo, mesmo nestas áreas, mas com visível incapacidade para se transformar num Projeto Nacional hegemônico para o conjunto do país. Aqui, a lembrança do antigo conceito do Brasil como Belíndia, uma pequena Bélgica mergulhada na imensidão da pobreza indiana. A novidade é que a suposta Bélgica cresceu nas últimas décadas, a ponto de chegar a cerca de ¼ da população total, cerca de 50 milhões de pessoas, com renda superior a cinco salários mínimos, casa própria, carro próprio para acesso aos locais de trabalho e lazer, planos privados de saúde e melhores escolas privadas, concentrada mais ao sul do país, enquanto a suposta Índia, com cerca de 100 milhões com ganhos até 1 salário mínimo, vivendo em periferias urbanas, castigados pela precariedade de empregos e salários, transportes urbanos sofríveis e mais sujeitos à violência urbana, tornando a dita Belíndia cada vez mais complexa. Assim, se para os primeiros o canto liberal globalista ainda pode dizer alguma coisa, para os mais pobres a esperança ainda reside num projeto com forte presença do Estado Nacional como promotor da cidadania e direitos sociais. Raul Carrion, historiador, ex deputado, assim expressa esta dicotomia :

A disputa não é entre dois candidatos, é entre dois projetos!

“Um projeto que contempla a necessidade de um Estado eficiente, que presta serviços de qualidade à população – como saúde, educação, segurança, moradia digna, transporte público –, fomenta a ciência e a tecnologia, apóia as atividades produtivas e salvaguarda a soberania nacional.

Por outro lado, o projeto de uma nação subjugada pelo capital financeiro nacional e internacional, submissa aos interesses dos Estados Unidos, que vende a “preço de banana” o imenso patrimônio do país (construído por gerações de

brasileiros) – como a Petrobras, a Eletrobras, o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, a Embraer – e entrega suas fabulosas riquezas naturais – o Pré-Sal, o Aquífero Guarani, as jazidas minerais, seu potencial hidroelétrico, a Amazônia – à exploração predatória das multinacionais.”

A terceira constatação sobre o pleito, diz respeito aos riscos que a solução Bolsonaro implica. Uma delas é o retrocesso político, em razão de seu discurso francamente favorável ao regime militar 1964-85, como se um franquista retornasse ao Poder na Espanha enaltecendo o velho ditador. Para a esquerda, Bolsonaro é fascista e pode mergulhar o país numa idade das trevas. Outro risco, são os enigmas de suas ideias econômicas, embora tenha indicado um notório liberal como Ministro da Fazenda: Paulo Guedes. O Mercado acompanha com atenção e preocupação esta conversão de um militar corporativo, que jamais falou sequer a palavra globalização, num líder do neoliberalismo...

2. As contorções na direita e na esquerda

A direita vencedora sofreu maiores traumas do que a esquerda.

Vejamos:

A hegemonia da direita voltou aos setores mais afinados com o discurso autoritário, praticamente destroçando o PSDB, que desde 2004 se afirmara sobre velhas lideranças oriundas do regime militar. Bolsonaro chega ao Poder com amplo apoio no Congresso, num total de 70 deputados, dos quais 56 de seu próprio Partido, o PSL, mas que deverá se elevar pela natural gravitação do Poder. Lembre-se, também, que alguns dos eleitos em algum pequeno Partido, dos 23 com representação no Congresso Nacional, não alcançaram as cláusulas de barreira indispensáveis ao acesso dos mesmos ao Fundo Partidário, hoje beira R\$ 1 bilhão e ao tempo de televisão gratuita nas próximas eleições. Convergirão, naturalmente, para o PSL transformando-o, de uma hora para outra, num grande Partido, fato inusitado no país. Collor, por exemplo, jamais conseguiu isso, perdendo, gradualmente, o apoio do Congresso até sofrer impeachment. Jair Bolsonaro, entretanto, talvez não seja a caricatura que o sistema político sempre pintou, subestimando-o, seja à direita, seja à esquerda, seja pela Mídia. Ele é também um ator político que soube, praticamente sozinho, trucidar todo o sistema, afirmando-se como um grande líder. Para tanto, contribuíram, claro algumas dimensões pessoais: Ser um oficial do Exército, ser evangélico, ser oriundo de um grande centro metropolitano como Rio de Janeiro, caixa de retumbância, ainda hoje, sobre todo o país, ser um típico representante de valores das classes médias conservadoras com uma fala direta e simplória sobre as complexas questões de uma sociedade hipermoderna. É recomendável, a todos, no sistema político e de mídia, começar a compreender melhor este personagem tão controvertido. Poderá decair, como Jânio e Collor no passado. Mas e se a História estiver pregando mais uma de suas irônicas peças? Lembremo-nos de Perón, no pós-guerra e de Chaves, mais recentemente, para não falar nas lideranças militares autocráticas que,

contrariando expectativas, acabaram comandando o processo de modernização de alguns países no Oriente Médio.

Outro Partido afirmativamente de direita, fato também inusitado no Brasil, o NOVO, mais afinado com a globalização e opção neoliberal, também encorpou com a candidatura Amoeda à Presidência, vindo a eleger 1 Governador e 4 deputados federais. Resta saber se este Partido se dissolverá na onda bolsonariana ou se reforçará com vistas a criação de uma opção conservadora civilista, tipo Partido Republicano.

A esquerda, mesmo derrotada, sai vitoriosa, com amplo apoio em margem considerável do eleitorado brasileiro. Segue, na esquerda, a hegemonia do PT, tendo feito uma grande bancada na Câmara e reafirmando seu controle, junto com PCdoB no Maranhão e em vários Estados. Quebrou a cara quem imaginou que a LAVAJATO destruiria o PT. Abateu, sim, algumas lideranças, mas o Partido vai dar trabalho por muitos anos, distante de Haddad. O PDT e Ciro Gomes cresceram no cenário nacional, mas falta-lhes maior envergadura orgânica interna e de relações com a Sociedade Civil e Inteligência nacionais para disputar com o PT a liderança na Oposição. Não obstante, tudo indica que Ciro se preservou para tentar voltar em 2022 como um candidato viável. O PSB poderá, entretanto, com o apoio do Governador de Pernambuco, provavelmente em aliança com PDT, Marina Silva da Rede, PPS de Roberto Freire, alguns dissidentes do PSDB de São Paulo expelidos por João Dória, como Alberto Goldman, restos democráticos do PMDB como Roberto Requião, do Paraná, e alguma outra agremiação de centro esquerda que emerja neste processo.

Com o deslocamento da hegemonia da direita para um extremo francamente autoritário e a incapacidade do PT em construir uma Frente Democrática, com participação de liberais, empresários e classes médias, capaz de lhe fazer frente com folga competitiva, confundiu-se, como assinalei acima, o sentimento anti-sistema com o anti-petismo, debilitando a alternativa HADDAD. Isso levou de roldão o PMDB tradicionalmente vocacionado como fiel da balança, quer no processo eleitoral, quer na construção da governabilidade.

O discurso de Bolsonaro é anti-sistema político mas não anti-sistema econômico. Sua ideologia é difusa, devendo oscilar entre sentimentos arraigados de nacionalismo militar, que impõe um mínimo de soberania em decisões estratégicas e corporativas e um vago liberalismo. Deverá, coerente com sua formação militar, a ser fortemente centralizador, sem, contudo capacidade política - técnica e administrativa - para operar como árbitro de decisões conflitantes de seus colaboradores. O mesmo aconteceu com Temer. Viveu indo e voltando sobre questões cruciais, sem ter clareza sobre o melhor caminho. Resta, neste processo, saber quem o influenciará, à falta de ideologia, partido, colaboradores articulados. Aqui duas vertentes: A família e o próprio Exército. Até que ponto, por exemplo, esta instituição tolerará afundar-se em sua boa imagem na sociedade em decorrência da instabilidade de Bolsonaro? Não creio, pessoalmente, que as Forças Armadas aceitem ser levadas à qualquer aventura golpista.

3. Os legados dos líderes da redemocratização

Dada a intensidade da virada política destas eleições (2018), que para muitos consistiu no orgasmo das gigantescas manifestações populares de 2013, vale voltar à História e indagar sobre o legado dos grandes líderes dos anos 1980.

O ocaso dos grandes líderes da redemocratização que culminou na reorganização partidária a partir de 1980 e que culminou na Constituinte. Ulysses Guimarães, il condotiere da redemocratização, no comando do PMDB como Frente Democrática, foi o primeiro a falecer. Deixou no seu rastro um Partido com alto nível de organização em escala nacional e forte influência nas classes médias, operando como fiel da balança da conjuntura nacional. Nestas eleições, enterra sua marca na vida nacional. O PMDB esfumou-se.

Os três rebelados com tese da UNIDADE DAS OPOSIÇÕES defendida por Ulysses, Leonel Brizola, Lula e, *last but no least*, FHC, tiveram altos e baixos mas, lentamente, foram perdendo influência. Todos criaram seu próprio Partido.

Brizola, fundador do PDT, iniciou sua derrocada quando perdeu para Lula na disputa presidencial de 1989 e foi obrigado a engolir, a contra-gosto, o "sapo barbudo". Tentou maior aproximação com o PT e Lula mas acabou isolando-se. Faleceu em 2004. De lá pra cá o PDT como alternativa orgânica - e não estritamente eleitoral - para liderança da esquerda brasileira diluiu-se.

Lula insistiu no seu Partido dos Trabalhadores, evitando o que via, com o apoio da Sociologia uspiana - USP - , da Igreja e velhos quadros marxistas ortodoxos, a manipulação dos trabalhadores por líderes estranhos a ela. Cresceu e se multiplicou vindo a ocupar o lugar central da vida pública no Brasil de 2003 a 2016. Agora, preso, sofre uma dura derrota, mas deixa, entre os três mencionados, a maior herança política num Partido fortemente enraizado no país inteiro. Pode sofrer revezes no futuro próximo, mas passou - e passou bem - pelo mais duro enfrentamento nos últimos três anos.

FHC, por fim, preferiu, à falta de espaço na esquerda, criar um arremedo de social-democracia, o PSDB, sob os encantos da globalização dos anos 90. Conseguiu se impor, com isso, na direita, substituindo as velhas oligarquias comprometidas com o regime militar. Nestas eleições - 2018 - perdeu esta hegemonia, ao subestimar a conjuntura nacional crítica ao sistema político e um capitãozinho radical que nada prometia. Com isso, apesar da vitória de Doria em São Paulo, que nada tem a ver com o projeto social-democrata de FHC, o PSDB também cumpriu suas funções e começa sua trajetória de decadência. FHC está vivo, mas é um morto-vivo.

Paradoxalmente, portanto, apesar de preso, Lula ainda é o mais influente dos grandes líderes da redemocratização. Confirma nas eleições seu peso específico junto ao eleitorado com uma considerável bancada federal, uma grande influência, instável, no Nordeste e indiscutível hegemonia na Oposição que começa a se formar contra o Governo Bolsonaro. Resta saber como ele conduzirá os próximos passos e como, internamente, o Partido, receberá essas orientações. Foi graças à Lula, aliás, que Haddad chegou ao segundo turno. O Brasil destas eleições, porém, tal como ocorreu nas eleições majoritários de 1974, que surpreenderam com a eleição de grande maioria de Senadores da Oposição ao regime militar, remodelará o cenário político nacional. Para onde e

com quem, ninguém sabe. Estamos no umbral de uma ponte rumo a um futuro incerto.

CONCLUSÕES

Vejamos quanto tempo durará a lua de mel de Bolsonaro com o senso comum que o elegeu com a esperança de renovação da Política.

Renovação em termos: Bolsonaro, na verdade, foi um “ 50 tons de Temer”. o mais sombrio e obscuro, como afirmou outro candidato, G.Boulos, do PSOL. Ele já cogita de aproveitar vários colaboradores da Área Econômica, começando pelo Presidente do Banco Central. Será que vai CHAMAR O MEIRELLES.também? Outros, do DREAM TEAM deste antigo Ministro da Fazenda do Presidente Temer, estão confiantes que ficarão nos seus cargos. - "Ganhamos, dizem eles", eufóricos. O resto já loteando cargos, todos afirmando que era realmente necessária a RENOVAÇÃO da Política no Brasil.

Trump, o baluarte desta posição "nacionalista" mais visível no mundo ocidental, ídolo do Presidente eleito, malgrado todas as barbaridades que diz e que faz, mantém sua popularidade. Mas dividiu ainda mais a sociedade americana, cuja consciência mais crítica está cada vez mais alarmada com seu líder. Veja-se o livro do jornalista de Bob Woodward que o classifica como "inculto, raivoso e paranoico" - <https://www1.folha.uol.com.br/.../trump-e-tema-de-novo-livro-...>

Macron, o Presidente francês, também surpreendente na sua eleição, é outro caso e nunca declinou de sua forte inclinação globalista. . Impressionou como uma nova alternativa no cenário francês, mas rapidamente perdeu popularidade. Hoje não seria eleito de novo.

Bolsonaro, recém eleito, assume-se na extrema direita como renovação de "todo o que aí está", sem que se saiba, ainda, no que resultará seu governo, se mais nacionalista - ou subnacionalista ... - , como Trump, ou globalista, como Macron. Seu primeiro pronunciamento fala em reunificação do país mas estigmatiza "os comunistas" numa retórica típica dos anos da guerra fria, numa generalização esdrúxula e ultrapassada do que é concretamente, hoje, a esquerda brasileira, ou os 45 milhões de votos consagrados à Haddad. . Não tem, definitivamente, a linguagem de um pacificador. Sua referência a Caxias é simplesmente inoportuna. Caxias foi um comandante militar que enfrentou com firmeza conflitos armados sangrentos até obter aqui e ali pacificação de forças em confronto. Mas demonstrou piedade no fim da Guerra do Paraguai, voltando ao Rio e recusando-se a continuar a guerra contra Solano Lopes quando percebeu que ela se resumira à liquidação de meninos impúberes, quando foi substituído pelo odioso Conde d'Eu.

Um enigma, enfim, que hoje, deve estar preocupando muito mais a elite que contribui para sua eleição do que a esquerda já calejada por tantos outros revezes. Sublinhando:"elite que contribui para sua eleição", pois todos os perfis descritos por IBOPE e DATAFOLHA apresentaram o eleitor de Bolsonaro como mais educado e com maior nível de renda. Mas como, no máximo, este segmento, no Brasil, chega a 50 milhões de pessoas e nem todos, enfim, embora maioria tenha sim votado nele, até porque muitos optaram pelo “não voto” foi necessária uma boa presença de povão na sua votação, um amplo segmento

que soma os 100 milhões até 1 Salário Mínimo, mais a fração da baixa classe média com rendimentos entre 1 e 5 Salários também entrou na “onda”. Afinal, é a parte da população mais afetada pela violência urbana, que vê num representante de fala dura das Forças Armadas, como Bolsonaro, também identificado com as crenças neopentecostais, hoje beirando 40 milhões de fiéis.

As reações às eleições de 2018 ainda são de perplexidade.

À direita, os velhos líderes tucanos (PSDB) ainda não assimilaram a virada, que os deixa literalmente à deriva.

À esquerda, há duas atitudes.

De um lado, Ciro, no PDT e não necessariamente “do PDT”, porque já passou por outros seis Partidos que o acolheram e depois seguiu seu preferível vôo solo, evitou identificar-se com Haddad, merecendo, por isso, o opróbio dos petistas, mesmo condenando o voto em Bolsonaro. Tudo indica que tentará manter alguma papel na Oposição na esperança, talvez, de voltar à cena em 2022. Outros líderes e Partidos mantêm, também, uma atitude de Oposição a Bolsonaro mas admitindo uma posição realista de reconhecê-lo como Presidente. O próprio Haddad, tendo evitado cumprimentar o novo Presidente nas primeiras horas de sua derrota, acabou, também, com opróbio dos seus correligionários, cumprimentando civilizadamente o novo Presidente. Muitos creem que Haddad terá pequeno papel no PT, em virtude de sua pouca identificação com a linha dura dirigente, vindo a ocupar a posição como candidato mais por obra de Lula do que por preferência partidária. Seu reconhecimento à vitória de Bolsonaro o associa com uma atitude de Oposição que leva a que muitos apostem que poderá se somar a Ciro, Marina e socialista e tucanos defenestrados por Doria, num novo Partido de centro esquerda.

Presidente Jair Bolsonaro. Desejo-lhe sucesso. Nosso país merece o melhor. Escrevo essa mensagem, hoje, de coração leve, com sinceridade, para que ela estimule o melhor de todos nós. Boa sorte!”, escreveu Haddad.

Fernando Haddad

Um jornalista militante, Milton Saldinha, em artigo antológico, define esta posição:

Não sou resistente. Sou oposição

Milton Saldanha, jornalista - jornaldance@uol.com.br

A diferença entre as duas coisas não é pequena. Se num sintoma de resfriado corro a tomar um antibiótico possante, o que farei depois se pegar uma pneumonia?

Em política é preciso dosar os passos e as doses. Sem queimar etapas.

Bolsonaro foi eleito pela maioria, numa eleição democrática e legítima, sem nenhum risco de fraude, ao contrário do que afirmava sua corrente, querendo criar confusão e como forma velada, ou explícita, de coação. Mas agora isso é página virada.

O que interessa, não importa o resultado, é que as instituições continuam preservadas e a democracia não está abalada, pelo contrário, está prestigiada.

Goste-se ou não, e eu não gosto, mas impõe-se aceitar como natural e constitucional a escolha do povo brasileiro.

A esquerda mais aguerrida é mais radical e fala mesmo em resistência. Ela soma, ao PT e PCdoB que compuseram a chapa presidencial, os Partidos mais ortodoxos, como PSOL, PCO e PSTU, além de uma expressiva fração de anarquistas, presentes, sobretudo nas grandes cidades do sul – sudeste do país.

Estão, literalmente, indignados com a derrota, à qual debitam às manobras que se iniciaram com o chamado terceiro turno das eleições de 2014, conduzidas por Aécio Neves, então candidato derrotado pelo PSDB, em conluio com o Deputado Eduardo Cunha, PMDB, ex Presidente da Câmara dos Deputados, algoz do mandato de Dilma, hoje cumprindo pena por obra da LAVAJATO. Para eles o processo eleitoral não foi digno de respeito. Houve o que entendem como golpe contra Dilma, houve a prisão que consideram ilegal de Lula, com a consequente retirada de seu nome à Presidência, houve a enxurrada de fake news em caixa 2 de grandes empresas. Trata-se, para eles, de organizar mesmo a resistência do que entendem como entronização do fascismo no país, sendo este o discurso da Presidente do PT, Senadora Gleisi Hoffmann, reiterado por notas de várias outras frentes de esquerda, como de diversos analistas afinados com a Direção do PT:

A palavra de ordem será “resistência”

Presidenta do PT afirma que partido resistirá na defesa das liberdades, na defesa da soberania nacional, pelo Brasil e pelo povo brasileiro

<http://www.pt.org.br/assista-gleisi-diz-que-a-palavra-de-ordem-sera-resistencia/>

Nota das Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo: Resistiremos!

“Neste momento, é fundamental continuarmos juntos e coesos em torno da democracia, da soberania nacional e da luta por direitos”

<http://www.pt.org.br/nota-das-frentes-brasil-popular-e-povo-sem-medo-resistiremos/>

Nota da CUT: A Luta Continua!

<http://www.pt.org.br/nota-da-cut-a-luta-continua/>

Entre a atitude de Oposição e Resistência, pululam as indignações diante da virada à direita, algumas vendo neste processo a reiteração de um calvário, e reafirmando que *“O importante aqui é registrar a capacidade de adaptação à dinâmica da História, esta senhora caprichosa, como dizia Eduardo Galeano e nada de morrer na praia”*

Há muito tempo eu disse à minha filha que, ao adotar o pensamento de esquerda, ela havia escolhido o lado que sempre perde. Embora com vitórias importantes na melhoria da vida dos deserdados, a luta de classes tem privilegiado os ricos ao longo da triste História dos homens. (...)O que eu não disse na ocasião é que as derrotas, as perseguições e as injustiças nunca fizeram a melhor parte da humanidade desistir da utopia. E depois de cada combate perdido – como a lenda de Sísifo - um novo ciclo recomeça, em condições muitas vezes mais duras ainda. Pensar os ferimentos, reunir os que continuam a acreditar no futuro e continuar a viagem, que não tem fim mas que justifica o ato de viver. Não há maior nobreza do que ficar ao lado dos vencidos.

Celso Japiassu - https://celsojapiassu.blogspot.com/2018/10/a-luta.html?m=1&fbclid=IwAR2c1g4Eb8SOUE-NhOivhEH_xF6ASUVPNpUFOrbjFFrhq9cqI93ZU3bchH0

Ind

Independentemente das diversas atitudes da esquerda diante do que foi irremovivelmente uma derrota, a hora "Para pensar", como propõe [Marco Aurélio Nogueira](#) Fazer o que, classicamente, na esquerda chamávamos de BALANÇO E PERSPECTIVAS, no qual abundem visões críticas sobre os caminhos percorridos e horizontes sobre os caminhos a trilhar. O que se deve rejeitar é, definitivamente, o derrotismo, que se expressa, sobretudo pela tendência infantil à vitimização, atribuindo a derrota apenas "ao Outro"... Como dizia Antonio Machado, poeta espanhol: *"Caminante, no hay camino, se hace el camino al andar"*. Todo o pensamento traz implícita uma ação e toda ação se reflete na maneira de pensar. Esta a dialética da condição humana, condenada a ser livre porque pensa e age conforme sua capacidade de auto-reflexão. A fatalidade, enfim, está para a Natureza, que é a Cidade de Deus, assim como a responsabilidade está para a Sociedade, que é a Cidade dos Homens. Não culpe, portanto o destino, pelo que lhe ocorre. Ele é produto de ações humanas.

Isso posto, diversos cenários se abrem para o futuro. Há muitas divergências, como vimos, convindo apontá-las com o cuidado de que a História é uma Senhora caprichosa, pouco à vontade com impressões pessoais. Em todo o caso vale ressaltar o esforço deste autor, que apenas desenvolve um pouco mais as alternativas aqui desenhadas: acomodação ao presidencialismo de coalizão,

mediante cooptação da base parlamentar autoritarismo legal, com o agravante do chamado Lawfare ou autoritarismo desenfreado, flertando com o fascismo. Com suas indicações sobre um possível Governo Bolsonaro, concluo este artigo:

“Três cenários para Bolsonaro”

ROGÉRIO BASTOS ARANTES – FB 28/10/2018 19:51 Atualizado em 29/10/2018

https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/tres-cenarios-para-bolsonaro-28102018?fbclid=IwAR0_MTRpo2moxu7wqA4xf-nZH9tQ3vBpN7WRXYBUIPUs0wq8ul8ofRG2GTc